

*Francisco Antônio Lopes*  
Inst. Hist. e Geog. de Minas Gerais

# EXISTIU O ALEIJADINHO?

# EXISTIU O ALEIJADINHO?

---

*Francisco Antônio Lopes*

*Inst. Hist. e Geog. de Minas Gerais*

É de uma entrevista a afirmativa de que “o Aleijadinho nunca existiu, não passando de uma lenda criada pelo patrono dos fariseus, que se intrometeram na História, fazendo assaques, sem atenção para as pesquisas de profundidade. Refiro-me ao professor de primeiras letras de Ouro Preto, Rodrigo José Ferreira Bretas, que publicou monografia sôbre o Aleijadinho, em 1858, no Correio Oficial de Minas”.

Sabe-se, no entanto, que Rodrigo Bretas não foi sómente “professor de primeiras letras”. Isso nos dizem os “Velhos Troncos Ouropretanos”, do Cônego Raymundo Trindade, que sôbre o mesmo bastante se alongou.

“Rodrigo José Ferreira Bretas nasceu em Cachoeira do Campo, a 10 de setembro de 1815, e faleceu em Ouro Preto, a 15 de Julho de 1866. Sua vida, relativamente curta, encheu-a Rodrigo Bretas de trabalhos que o sagraram benemérito e o assentaram com justiça entre os que melhor serviram à terra mineira, quer em postos de eleição direta, quer em cargos da administração pública. Foi deputado à assembléia provincial em quatro legislaturas (1852 - 1861). Correram em opúsculo, hoje raro, alguns dos discursos que ali pronunciou. Secretário do governo. Advogou em Bonfim do Paraopeba, onde fundou e dirigiu um colégio de ensino secundário (1846). Lecionou filosofia em Barbacena (1849). Em 1862, estava dirigindo o Colégio de Congonhas do Campo. Foi Diretor Geral da Instrução Pública na provincia. Entretanto, o que o coloca em destaque eminente e o torna particularmente querido dos que estudam o passado de Minas é o empenho carinhoso com que procurou gravar, em consciencioso trabalho, a memória de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, o artista de mais espalhado renome e para cujas obras monumentais se volve, graças em grande parte ao seu biógrafo, a curiosidade do turista e o interesse artístico do estudioso. Os Traços Biográficos do Aleijadinho, de autoria de Rodrigo Bretas, serão sempre a fonte mais pura onde terão de abeberar-se os que quizerem noticia segura acerca do imortal arquiteto de São Francisco de Assis de Ouro Prêto. O biógrafo de Antônio Francisco Lisboa constituiu-se, com a obra

que realizou, um dos mais ilustres benfeitores da história mineira. Rodrigo Bretas foi ainda sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 1861, como representante do governo mineiro, assistiu à instalação da vila de São Paulo do Muriaé”.

Sem que nos toque duvidar, nem mesmo de leve, do que o Cônego Trindade asseverou, temos ser de alto acatamento o trabalho de Rodrigo Bretas.

Ao publicar êsse trabalho, em 1858, chegára êle ao fim de suas pesquisas, realizadas, por certo, desde tempos antes, que se aproximariam de 1814, ano da morte do escultor.

Não se limitou, porém, à colheita de tradições, que são aliás orientadoras dos que se dedicam a estudos históricos, e nem a buscas nos arquivos das Igrejas. Valeu-se também do artigo de um Vereador de Mariana, datado de 1790, e constante de um “livro de registro de fatos notáveis, estabelecido pela ordem régia de 1782”.

Êsse livro, consta que desapareceu. Duvidar, no entanto, da probidade de Rodrigo Bretas, ao reproduzir no seu trabalho trechos do referido artigo, parece-nos um tanto descabido, na ansiosa procura da verdade histórica.

Viajando pelo nosso país, chega Saint-Hilaire a Vila Rica, em 1816, e se hospeda com o Conde von Eschwege.

Êsse ilustre naturalista nos deixou, em “Viagens pelo interior do Brasil”, interessantes narrativas de suas observações. Dizendo de sua passagem por Congonhas do Campo, refere-se às estátuas da Igreja do Bom Jesus de Matosinhos.

“Essas estátuas não são obras primas, sem duvida; mas, observa-se no modo pelo qual foram esculpidas qualquer coisa de grandioso, o que prová no artista um talento natural, muito pronunciado. Elas são devidas a um homem que residia em Vila Rica e demonstrou, desde sua infância, uma grande vocação pela escultura. Muito jovem ainda, disseram-me, resolveu tomar não sei que espécie de bebida, com a intenção de dar mais vivacidade a seu espirito; mas, perdeu o uso de suas extremidades. Entretanto, prosseguiu no exercício de sua arte; fazia prender as ferramentas na extramidade do ante-braço, e foi assim que fêz as estátuas da Igreja de Matosinhos”.

Ao executar a construção da fábrica de ferro do Prata, Distrito de Congonhas do Campo, teve von Eschwege a oportunidade de conhecer as estátuas dos Profetas.

Num artigo intitulado "O primeiro depoimento estrangeiro sobre o Aleijadinho", de Afonso Arinos de Melo Franco, inserto na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, de 1939, vem um trecho do livro "Journal Bresilien", no qual Eschwege, "usando o verbo no tempo presente", parece mostrar ter "conhecimento de vista" o escultor dos Profetas.

"O principal escultor que aqui se salientou é um homem aleijado, com as mãos paralíticas; êle se faz amarrar o cinzel e executa desta maneira os mais artísticos trabalhos, sómente as suas roupagens e figuras são por vezes sem gosto e desproporcionadas; de resto, não se deve desconhecer os belos dotes do homem que se formou por se mesmo e nunca viu nada".

Em vista do que Saint-Hilaire e von Eschwege nos transmitem, temos como certo, sem a menor dúvida, que os Profetas de Congonhas são de autoria de um escultor aleijado.

Por um recibo junto, em copia fotográfica, trazido da Revista do Patrimônio Histórico, de 1938, vê-se que o escultor se chamava Antônio Francisco Lisboa.

Esse escultor, segundo Rodrigo Bretas, desde a doença que o aleijou, "ficou geralmente conhecido pelo apelido de Aleijadinho."

199  
do Irmão Vicente duzentas e vinte e duas  
oitavas e dois vintens de ouro procedidos da fatura dos Profetas  
de pedra e os mais oficiais que comigo trabalham; e para clareza,  
passo este por mim feito e assinado. Matosinhos, 21 de dezembro  
de 1800.

Antônio Francisco Lisboa

Recebido do Irmão Vicente duzentas e vinte e duas oitavas e dois vintens de ouro procedidos da fatura dos Profetas de pedra, e os mais oficiais que comigo trabalham; e para clareza, passo este por mim feito e assinado. Matosinhos, 21 de dezembro de 1800. Antônio Francisco Lisboa.

Na sua notícia sobre Congonhas, refere-se Eschwege a um "plano de representar a paixão de Cristo, sucessivamente, em figuras de tamanho natural, em pequenas capelas especiais, que começam nos pés da montanha, e o trabalho já foi iniciado".

Por mais um recibo junto, também em cópia fotográfica, tem-se a presença do Aleijadinho nos trabalhos de esultura dos Passos do Senhor.

B<sup>to</sup>  
do Irmão Vicente trezen  
e noventa e cinco oitavas três  
quartos e quatro vintens de ouro proce  
dy da fatura das Imagens dos  
Passos dos de mim e meus off  
of. Clareza: para este de minha  
Letra e sinal Matosinhos das  
Congonhas do Campo 31 de De.  
de 1799. @ Francisco Lisboa

Recebido do Irmão Vicente trezentas e noventa e cinco oitavas  
três quartos e quatro vintens de ouro, procedidos da fatura das  
imagens dos Passos do Senhor, de mim e meus oficiais, e para  
clareza, passo êste de minha letra e sinal. Matosinhos, 31 de de-  
zembro de 1799. Antônio Francisco Lisboa.

Vêm na Revista do Patrimônio Histórico, de 1938, reproduções de vinte e nove recibos do Aleijadinho, relativos a São Francisco de Assis, de Ouro Preto, bem como cinco dizendo respeito as esculturas de Congonhas do Campo, onde o mesmo trabalhou durante perto de dez anos.

Em vista dêsses recibos, de regular caligrafia, poder-se-ia duvidar que os mesmos fossem devidos a um "alejado com as mãos paralíticas".

Ocorre, porém, que o escultor, segundo Rodrigo Bretas, "sempre conservou, embora quase sem movimento, os polegares e os índices", o que mostra que as mãos não lhe chegaram a ficar de todo paralíticas. Assim, não lhe seria muito difícil escrever os seus recibos.

Além disso, não é de admirar que, executando, já com as mãos paralíticas, "os mais artisticos trabalhos", pudesse usa-las para os "numerosos recibos autógrafos e referências a riscos de sua autoria".

Tendo a Ordem do Carmo, de Vila Rica, resolvido construir sua capela, adota para isso um projeto de Manoel Francisco Lisboa, pai do aleijadinho.

Com o prosseguimento das obras, foram sendo introduzidas modificações nêsse projeto, tendo havido novos desenhos de detalhes, bem como novos ajustes com arrematantes dessas obras.

Para uma "segunda louvação", tendo em vista "acrescimos e diminuições", resolve a Mesa da Ordem que, "pela sua parte, para segundo arbitramento, se louva em José Pereira Arouca e Enrique Gornes de Brito; e para a medição do risco em Antônio Francisco Lisboa." Assim, competindo ao Aleijadinho a medição do risco, isto é, o estudo comparativo entre os primitivos e os novos desenhos, conclui-se que o mesmo entendia também de arquitetura.

Isso mesmo se vê do artigo do Vereador de Mariana, quando se lê que a "matriz de Caeté, feita por Antônio Gonçalves Barcarena, debaixo do risco do sobredito Lisboa, cede nas decorações e e medidas à matriz de Morro Grande, delineada por seu filho Antônio Lisboa, quanto êste homem se excede mesmo no desenho da indicada igreja do Rio das Mortes".

E se vê mais, do referido artigo, que, "Com efeito, Antônio Francisco Lisboa, o novo Praxiteles, é quem honra igualmente a arquitetura e escultura".

Reza a tradição que a talha do Pórtico e a da Fonte da Sacristia, da Igreja do Carmo, são devidas ao Aleijadinho.

Não existem, é certo, nos livros de registros da ordem, notas que confirmem essa tradição. Mas, nada há nos mesmos que desautorize, como tivemos o ensejo de verificar, quando escre-

vemos a "História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto", publicada pelo "Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional".

O arrematante dessas talhas, Francisco de Lima Cerqueira, tratado, em deliberação da Mesa, como "pedreiro canteiro", deve ter sido obrigado a se utilizar de "entalhador capaz", como se deu para o caso da construção de altares. E tudo leva a crer que êsse entalhador foi mesmo o Aleijadinho, que "trabalhava a jornal de meia oitava de ouro".

Para um primeiro ajuste, destinado à obra de construção de altares e pulpitos e colocação de azulejos, foi aceita a proposta de Manoel Francisco de Araujo, sob "a condição de meter a sua custa entalhador capaz, e com tôda a suficiencia para trabalhar e dirigir a dita obra".

Nêsse caso, como em outros, os recibos que tenham sido assinados pelo Aleijadinho ficaram, sem dúvida, em poder dos arrematantes das obras. Trabalhando por contrato direto com as Irmandades, os seus recibos ficavam com as mesmas.

É de um livro da Ordem do Carmo o "Termo q. faz esta Mesa visto o M. e das Obras Antonio Francisco Lisboa ter concluido os dois Altares de S. João e Nossa Snra. da Piedade e, seguisse a m. a Obra dos Guardas Pós e Camarim nos dois da parte de sima de Santa Quitéria e Santa Luzia na m. a Forma dos dois que se achavão feitos".

Em relação aos altares que construiu, assinou o Aleijadinho duas ordens de pagamento.

"Pagou o dito Irmão Thesoureiro ao M. e das Obras dos Altares Antonio Francisco Lisboa do que venceu elle, e os officiaes que trabalharão nos ditos Altares desde o dia 10 de Março de 1807, até o fim de Dezembro do dito anno - Trezentas e cincoente e duas oitavas e hum vintem de Ouro".

"Pelo que pagou o D. o Irmão Procurador ao Mestre das Obras dos Altares Antonio Franciscos Lisboa do que venceu elle e os officiaes que trabalharão nos ditos Altares desde o dia 2 de Janeiro do d. o anno the 4 de Janeiro de 1809 - Quinhentos e quarenta e sinco oitavas e meya e sete v. s de Ouro".

Os dois últimos altares colaterais da Igreja do Carmo foram contratados com Justino Ferreira, vindo num registro de pagamento dever o Procurador da Ordem mandar "fazer o conserto da Casa para moradia do dito Justino Ferreira e da precisa para



o mesmo trabalhar junto da Casa do Noviciado". Na casa destinada à moradia de Justino, como se depreende do que escreveu Rodrigo Bretas, também ficava o Aleijadinho.

"Pelos anos de 1811 a 1812, um seu discípulo, de nome Justino, tendo se encarregado da construção de altares da dita capela, pôde obter, depois de instancias, que êle fôsse inspecionar os trabalhos, e foi residir na casa que então existia contigua e pertencente a aquele Santuário",

"Por ocasião de Dias Santos do Natal, Justino retira-se para a rua de Alto da Cruz, onde tinha a família, deixando ali seu mestre que, durante muitos dias, por descuido do discípulo, não aquele tratamento e cuidados a que estava acostumado. Com êste fato coincidiu o de perder quasi completamente a vista o nosso escultor".

"Neste estado, recolheu-se à casa da rua Detraz de Antônio Dias, da qual depois de algum tempo, mudou-se para a de sua nora, de nome Joana, que dêle tratou caridosamente até o seu falecimento, o qual teve lugar dois anos depois de seus trabalhos de inspecção na capela do Carmo, a 18 de novembro de 1814".

"Justino só tinha pago a seu mestre uma mui pequena parte do salario de um ano, que lhe pertencia, e pois desde então até o fim de sua vida a mofina do mestre, nos seus soliloquios, era exigir do discípulo o que lhe era devido".

Fazendo votos para que as divergências sôbre assuntos históricos se mantenham sempre num campo elevado de boa compreensão e serenidade, afastadas sempre de possiveis antipatias pessoais, que descambam, por vezes, pera diatribes de lamentavel indelicadeza, esperamos ter contribuido, com as notas acima para, se firmar a certeza de que existiu o escultor Antônio Francisco Lisboa, apelidado Aleijadinho.

"O DIÁRIO"

10 - 4 - 63